

“O que os olhos não deveriam ver...” O movimento negacionista e os campos de concentração

Daniela Ferreira Felix*

RESUMO: O presente trabalho busca discutir um dos mais importantes instrumentos utilizados pelos negacionistas a fim de negar a existência do Holocausto e das câmaras de gás na História: o Relatório Leuchter. O Relatório, utilizado pelos negacionistas como instrumento de destruição do que chamam de “mito histórico”, apresentaria análises e resultados científicos que “comprovariam” que o holocausto não foi possível porque ele não poderia ter sido possível.

Palavras-Chave: negacionistas, campos de concentração, câmaras de gás.

ABSTRACT: The present article discusses one of the most important the instruments used by the Holocaust-Deniers to deny the existence of the Holocaust: the “Leuchter-Report”. The “Report”, largely used by the Holocaust-Deniers, shows supposedly “technical analysis” that should indicate that the Holocaust hadn’t taken place because it couldn’t have taken place.

Key-words: Holocaust-Denial, Concentration Camps, Gas chambers

Este artigo procura examinar o discurso dos negacionistas quanto aos campos de concentração nazista e a metodologia empregada em seu discurso objetivando negar a existência das câmaras de gás e dos campos de extermínio. Para tanto está sendo analisado um dos maiores instrumentos utilizado pelo grupo dos negacionistas chamado O Relatório Leuchter. O presente trabalho vincula-se ao projeto “Laboratório de Evidências: intelectuais de extrema-direita e a invenção do passado na negação do Holocausto” desenvolvido pelo professor Luis Edmundo de Souza Moraes (HISTORIA-UFRRJ) e ainda se encontra em andamento. O Holocausto ainda hoje é visto como um ato de barbárie não só contra os judeus, mas também contra a própria humanidade. Apesar da farta documentação disponível, que demonstra de forma inquestionável o assassinato industrial de milhões de judeus, ciganos, homossexuais e outros grupos, há os que buscam de todas as formas negar esta existência: são os chamados negacionistas. Os negacionistas consistem num grupo de extrema-direita que busca, através de supostas “pesquisas” e “estudos” comprovar que a história do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial teria sido

* Graduada em Licenciatura em História- UFRRJ

inventada. Segundo eles, a história do Holocausto não passaria de uma farsa financiada pelo judaísmo internacional e os negacionistas teriam como missão alertar a população mundial para a farsa judaica. Os principais pontos negados pelos negacionistas são: o número de pessoas assassinadas, as técnicas usadas no extermínio, documentos e figuras históricas que foram apresentados, os locais dos campos de morte e a existência das câmaras de gás. (Krause-Vilmar, 2000: 98) As câmaras de gás são, segundo os negacionistas, uma construção histórica e sua existência, sendo essa mais uma forma dos judeus manipularem os fatos. Além do argumento de que as câmaras pertencem ao “reino do inacreditável”, buscam respaldá-lo em estudos “técnico-científicos”. A historiadora Natália dos Reis Cruz, em sua dissertação de mestrado intitulada “Negando a história: a Editora Revisão e o Neonazismo” chama a atenção para o fato de que no discurso “cientificista” da editora há um teor político que busca tratar o anti-semitismo não como um racismo mas algo que se deduz após comprovações científicas.

Ao adotar um discurso cientificista, todo o conteúdo político das obras da editora, marcado pelo anti-semitismo, nacionalismo xenófobo e nazismo, aparenta ser uma simples dedução lógica de resultados alcançados por pesquisa “cientificamente” conduzida, ou seja, não se trataria, na realidade, de anti-semitismo, mas de uma pretensa verdade: os judeus teriam inventado o extermínio. E se o anti-semitismo existe, ele passaria a ser plenamente justificado, completando-se um raciocínio circular e tautológico.” (CRUZ: 1997: 149)

Outro trabalho que merece destaque é o do jornalista gaúcho Luis Milman que se chama “Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político.” Nele Milman apresenta que os negacionistas buscam amenizar a imagem que se tem do regime nazista, uma vez que a memória coletiva que se tem do regime político de Hitler é desaprovada:

O negacionismo, numa perspectiva estritamente historiográfica, não é uma interpretação alternativa, nem reacionária, nem mesmo nazistófila, do hitlerismo. Ele é uma construção ideológica de aparência histórica e, nessa condição, não suscita problemas ao nível da compreensão do Holocausto e das suas conseqüências. O desafio que os negacionistas nos apresentam é de outra natureza: na medida em que constróem uma versão fictícia da História e que essa versão produz efeitos políticos, os negacionistas obrigam-nos não somente a refutá-los, mas a fazermos uma reflexão sobre a relevância do papel da História e da memória para a educação humanista. Estas não são questões acadêmicas, nem devem interessar a especialistas apenas. É inequívoco, pelo menos para quem dedica alguma atenção ao assunto, que as pessoas que negam ter havido o extermínio planejado de judeus (sobretudo, mas não exclusivamente) (1), desejam, através de contorcionismos retóricos, descriminalizar o regime nazista e, com isso, reabilitar o nazifascismo como opção política. É essa tentativa, a saber, a de aliviar o nazismo de seu fardo criminoso, que deve ser analisada. (MILMAN, 2000: 115)

Nesse sentido partilhamos da idéia do autor e acreditamos que os negacionistas ocultam, através de suas tentativas de reconstrução da história, sua verdadeira face política. O historiador tem

acesso a vestígios de um passado e tem legitimidade¹ para dar produção de sentido aos personagens e fatos, sendo reconhecido por fazer um trabalho científico. Os negacionistas desprezam os métodos científicos próprios da disciplina, na medida em que não importam-se com o contexto dos documentos que utilizam se estes lhe forem desfavoráveis, ao inventarem referências, nomes, e até mesmo ao usarem citações de documentos inexistentes. Um importante instrumento utilizado por eles na tentativa de negar o extermínio através das câmaras gás é o *Relatório Leuchter*. Esse relatório foi financiado pelo negacionista canadense Ernst Zundel e feito pelo engenheiro norte-americano Fred Leuchter, que após recolher supostas amostras de solo e de rochas de Auschwitz chegou a conclusão de que a concentração do gás hidrocianureto (Zyklon B) nos locais em que ocorriam o gaseamento era baixo se comparado com a concentração do gás nas salas de despioalhamento. O Relatório Leuchter, publicado em português por Sigfried Ellwanger Castan, fundador da Editora Revisão e o nome de maior projeção do negacionismo no Brasil, apresenta os seguintes argumentos que justificam a inexistência das câmaras de gás:

1. As alegadas câmaras não poderiam ter sido utilizadas naquela época ou hoje como câmaras de gás para execução.
2. Os negacionistas acreditam que após o relatório a idéia de que os judeus morreram através das câmaras de gás não mais se sustenta.
3. As amostras dos pisos, tetos, paredes e demais superfícies apresentavam níveis baixos de cianureto (gás utilizado pelos nazistas nos campos de extermínio). Segundo os negacionistas o cianureto foi utilizado para desinfecção dos crematórios.
4. Os negacionistas afirmam que estão fazendo um realinhamento de conceitos históricos de grande dimensão. Ao “provarem” a existência das câmaras de gás concluem que a história conhecida do fenômeno do Holocausto é falsa, propondo assim uma nova História. Justificado como produto de uma inspeção pelos campos de extermínio de Auschwitz, Birkenau e Majdanek, o relatório é utilizado pelos negacionistas como instrumento de destruição do que chamam de “mito histórico”.

O problema que se apresenta nos estudos negacionistas é que há uma clara evidência de manipulação das fontes e não há, como pretende, cientificidade presente em seus trabalhos. A fim

¹ “Finalmente, o que é uma ‘obra de valor’ em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos ‘objetos’ e dos métodos históricos e, que, ligada ao meio no qual se elabora, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas(...)É o produto de um lugar.” (Certeau, 1974: 72-73)

de fazer valer seus argumentos simplesmente desqualificam depoimentos e documentos que atestam a ocorrência do extermínio e tomam, por vezes, documentos marginalizados e não atribuem importância ao contexto das fontes. Vale ainda lembrar que há um tendencioso tratamento dos testemunhos das vítimas, o que já desqualifica um trabalho que se pretende historiográfico. O cientista político alemão Dietfried Krause-Vilmar assim analisa o discurso dos negacionistas: “Um leigo em matéria de História ou Química, fica, muitas vezes, perplexo diante da quantidade de material que eles apresentam. Entretanto, o que sempre é excluído deste material, é o contexto histórico-político documentado de maneira correta.”(KRAUSE-VILMAR, 2000: 104) A fim de colocarem o Relatório Leuchter acima de qualquer suspeita, os negacionistas utilizam-se intensamente de linguagem técnica e científica e desconsideram todas as comprovações das mortes em massa nos campos de extermínio.

Referências Bibliográficas:

CRUZ, Natália dos Reis. *Negando a História: A Editora Revisão e o Neonazismo*. Dissertação de Mestrado, UFF, 1997.

MILMAN, Luis. *Negacionismo: gênese e desenvolvimento do genocídio conceitual*. In:

MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo. (org.) *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. UFRGS; 2000.

CEARTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Forense Universitária; RJ; 1974

KRAUSE-VILMAR, Dietfrid. *A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política*. In: MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo. (org.) *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. UFRGS; 2000.